



O PATINHO FEIO, DE ANDERSEN: UMA CONTRIBUIÇÃO À INFÂNCIA SOB AS PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA E DA PSICANÁLISE

MASSOLA, Ivone¹
BALZAN, Carina Fior Postinger²

RESUMO: O artigo apresenta uma análise comparativa da história *O Patinho Feio*, de Andersen, com base nos estudos de Éstes (1999) e Bettelheim (2002), a fim de demonstrar como a linguagem simbólica dos contos de fadas pode auxiliar a criança a tornar-se um adulto mais preparado no enfrentamento de desafios e mais pleno na sua existência. A partir de elementos presentes no conto, aborda-se a questão do pertencimento, a descoberta da identidade e as representações da maternidade na personalidade de algumas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Andersen, contos de fadas, linguagem simbólica, infância.

THE UGLY DUCKLING, BY ANDERSEN: A CONTRIBUTION TO CHILDHOOD FROM THE PERSPECTIVES OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY AND PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT: The article shows a comparative analysis of *The Ugly Duckling*, by Andersen, based on the studies of Éstes (1999) and Bettelheim (2002), in order to demonstrate how symbolic language in fairy tales can help children to become adults with fulfilled living experiences and more prepared when facing challenges. Based on elements from the fairy tale, we approach the matter of belonging, as well as the identity discovery and the motherhood

¹Doutora em Letras (UCS). Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras (IFRS – Campus Bento Gonçalves). E-mail: ivimassola@gmail.com.

²Doutora em Letras (UCS). Docente do Curso de Licenciatura em Letras (IFRS – Campus Bento Gonçalves). E-mail: carina.balzan@bento.ifrs.edu.br

representations in some women's personality.

KEYWORDS: Andersen, fairy tales, symbolic language, childhood.

Introdução

Desde a infância, até atingir seu pleno desenvolvimento, o ser humano passa por várias etapas de amadurecimento e, em cada fase, busca dar significado à vida e ao mundo ao seu redor. As fábulas e os contos de fadas mostram-se enriquecedores nesse sentido, pois, sendo narrativas simbólicas, trabalham com problemas humanos universais, principalmente os que preocupam o pensamento infantil. Essas narrativas criadas séculos antes da sociedade estar tecnologicamente equipada como está hoje, ainda podem auxiliar a criança a experimentar o mundo e abrir-lhes possibilidades de lidar com fatos complexos que representam para ela o existir da vida adulta.

Na oitiva das fábulas e dos contos de fadas pode-se dar à criança o alicerce que a faz lidar diariamente com fatos dinâmicos e intrincados, os quais podem e precisam ser contornados desde que ela tenha estrutura emocional para enfrentá-los. Para chegar a ser um adulto equilibrado, a criança precisa crescer num ambiente seguro e amoroso, com tempo para brincar e desenvolver sua imaginação. As histórias infantis, além de estarem relacionadas diretamente à fantasia e ao maravilhoso, auxiliam-na a internalizar as soluções consideradas corretas pela sociedade. Aliás, essa era a finalidade dessas narrativas primordiais ao serem transmitidas de geração a geração no passado: difundir e internalizar os valores desejados por determinada sociedade.

A criança ainda não alfabetizada – ou mesmo a que já consegue ler – que acessa fábulas e contos de fadas tem seu imaginário fertilizado, já que essas histórias a auxiliam a compreender melhor os sentimentos e a lidar com suas frustrações. De acordo com Bettelheim (2002, p. 12):

[...] nada é tão enriquecedor e satisfatório, seja para a criança, seja para o adulto, do que o conto de fadas popular. É bem verdade que, num nível manifesto, os contos de fadas pouco ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história

compreensível por uma criança.

O foco do presente artigo³ é analisar o conto *O Patinho Feio*, de Hans Christian Andersen, a partir do estudo de dois autores: Clarissa Pinkola Estés (1999) e Bruno Bettelheim (2002). Estés (1999), apresentando uma variante da narrativa de Andersen, trabalha o conto sob a perspectiva da Psicologia Analítica – de base junguiana – analisando os tipos de personalidades de mães a partir da mãe do patinho feio. Já Bettelheim (2002), sob a perspectiva da Psicanálise – de base freudiana – trabalha o conto de Andersen relacionando a trajetória de vida do patinho feio às relações familiares entre pais e filhos.

Para se chegar à proposição de que o conto *O Patinho Feio* pode auxiliar a criança a enfrentar situações que lhe trazem conflitos os estudos realizados por esses autores serão tomados como referência, pois defende-se a importância de a criança ter acesso às fábulas e contos de fadas, os quais farão com que sua fantasia seja liberada, possibilitando-lhe ser um adulto mais preparado para o enfrentamento das agruras do mundo.

A problemática que se busca desenvolver é o que representa, simbolicamente, a rejeição que o patinho feio encontra em seu meio social e que tipo de representação de mãe é apresentada quando a pata que chocou o ovo rejeita o filhote. E, por fim, reflete-se sobre como esse conto pode contribuir para que a criança encontre um apoio ao seu amadurecimento emocional, tornando-se um “cisne” quando adulta, capaz de encarar as diferenças e superar a rejeição, independentemente do tipo de mãe que a tenha criado, já que a personalidade das mulheres também revela que tipo de mãe a menina será para seus filhos.

A importância dos contos de fadas para a infância

Costuma-se verificar a existência de diversas variantes das fábulas e dos contos de fadas devido ao fato de essas narrativas terem sido registradas muito tempo depois de seu surgimento e disseminação popular. Inicialmente essas histórias eram contadas oralmente e transmitidas de geração em geração, tendo seu registro escrito quando já não era possível precisar a fidedignidade das versões originais.

De acordo com Coelho (2012), a História da Literatura registra que a primeira obra destinada ao público infantil foi publicada no final do século XVII, na França, por Charles Perrault. *Contos da Mamãe Gansa* (1697) reúne oito histórias recolhidas da memória popular:

³Este artigo foi produzido para o componente curricular *Literatura Infantil e Juvenil* do Curso de Licenciatura em Letras do IFRS – Campus Bento Gonçalves.



A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, Cinderela ou A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar. Na mesma época, La Fontaine, também na França, dedica-se ao resgate de antigas histórias populares: as fábulas. Além disso, em sua pesquisa, busca fontes documentais na Antiguidade, na cultura grega (Esopo), romana (Fedro), nas parábolas bíblicas, coletâneas orientais e narrativas medievais e renascentistas. Foi graças ao empenho de La Fontaine que se divulgaram, no mundo culto, as fábulas populares, como *O Lobo e o Cordeiro, O Leão e o Rato, A Cigarra e a Formiga, A Raposa e as uvas*, entre outras.

Na Alemanha do século XVIII, os irmãos Grimm – filólogos, folcloristas, estudiosos da mitologia germânica e dedicados a determinar a autêntica língua alemã – dedicam-se à coleta das possíveis invariantes da linguística nas antigas narrativas e lendas que ainda circulavam na tradição oral. Desse minucioso trabalho de seleção e transcrição, formaram a coletânea *Literatura Clássica Infantil*, cujos contos mais conhecidos são: *A Bela Adormecida, Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, O Ganso de Ouro, Joãozinho e Maria*, etc. O sucesso desses contos, segundo Coelho (2012), foi determinante para o surgimento do gênero Literatura Infantil.

Em 1954, o editor italiano Einaudi propôs publicar uma antologia de fábulas italianas que pudesse ser comparada às coletâneas clássicas de Perrault e dos Irmãos Grimm, assim, Italo Calvino realizou o trabalho de escrever *Fábulas italianas* (1956), um livro que resgatou as fábulas com o título da versão original, o lugar onde a versão foi encontrada e, quando possível, a profissão e o nome de quem a narrou (CALVINO, 2016).

As variantes dos contos de fadas também podem existir devido ao fato da ausência de registro escrito permitir que quem os (re)contasse, dependendo de sua classe social, mais ou menos favorecida, ou ainda das circunstâncias sociais e tradições culturais, realizasse algumas alterações no enredo. Estés (1999, p. 31) postula que alguns elementos nas tramas eram “purificados” em razão de questões religiosas e que, por isso (citando o caso dos irmãos Grimm), substituiu-se a curandeira por uma bruxa perversa, o espírito por um anjo, o véu ou coifa iniciática por um lenço, omitindo elementos sexuais, assim como animais e criaturas prestimosas acabaram virando demônios do bem ou do mal.

Também de acordo com Coelho (2014, p. 29):

Influenciados pelo ideário cristão que se consolidava na época romântica e cedendo à polêmica levantada por alguns intelectuais, contra a crueldade de

certos contos, os Grimm, na segunda edição da coletânea, retiraram episódios de demasiada violência ou maldade, principalmente aqueles que eram praticados contra crianças.

O acervo da Literatura Infantil clássica seria completado no século XIX, início do Romantismo, com os *Eventyr*, coletânea de 168 contos publicados entre 1835 e 1877, do dinamarquês Hans Christian Andersen. Esses contos, resgatados do folclore nórdico ou inventados pelo próprio autor, revelam as injustiças que estão na base da sociedade, ao mesmo tempo que oferecem o caminho para superá-las: a fé religiosa. De acordo com Coelho (2014, p. 30):

Sintonizado com os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé cristã, dos valores populares, dos ideais da fraternidade e da generosidade humana, Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhe o ideal religioso que vê a vida como “vale de lágrimas” que cada um tem de atravessar para alcançar o céu.

Entre os diversos valores ideológicos consagrados pelo Romantismo, identifica-se a valorização do indivíduo por suas qualidades próprias e não por seus privilégios ou atributos sociais, como em *O Patinho Feio* e a *A Pequena Vendedora de Fósforos*. Outros contos de Andersen também bastante conhecidos são: *O Pinheirinho*, *A Sereiazinha*, *O Soldadinho de Chumbo*, *Os Sapatinhos Vermelhos*, *A Roupas Nova do Imperador*, em que o autor sugere padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que naquele momento se organizava.

Os contos de fadas caracterizam-se por narrativas que marcam a fantasia das crianças, dividindo os personagens entre o bem e o mal, entre as fadas e as bruxas, entre o belo e o feio. A imaginação, ativada ao ouvir essas histórias, ajuda a criança a desenvolver seu intelecto e a tornar mais claras as suas emoções. São histórias que não têm data e espaço definidos, ou seja, são atemporais, já que são iniciadas, geralmente, com “Era uma vez...” e, na sequência, se desenrolam por meio dos personagens para encerrar com um final feliz e/ou com uma “moral da história”. Esse recurso estilístico ajuda a prender a atenção da criança à narrativa, que é curta, mas possui dados suficientes para permitirem uma associação com o mundo real.

Conforme destaca Bettelheim (2002, p. 13), os contos de fada, se analisados do ponto de vista da psicanálise:

[...] transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, seja em que nível for que cada uma esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, essas histórias falam ao ego que desabrocha e encorajam o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as histórias se desenrolam, dão crédito consciente e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as exigências do ego e do superego.

Com essas histórias infantis exploradas adequadamente, a criança poderá tornar-se um adulto mais preparado para enfrentar as agruras da vida, como defendem Lajolo e Zilberman (2007). Assim, a criança que tem acesso aos contos de fadas e textos do gênero do maravilhoso aprende a lidar com os futuros problemas existenciais que encontrará na vida adulta, ao mesmo tempo em que o seu eventual sofrimento é aliviado pelo escape mental que as histórias permitem criar no imaginário infantil. Isso porque, ao misturar a realidade com a fantasia, a criança poderá processar melhor a ansiedade e a insegurança a que fica exposta diante das diferentes personalidades das pessoas com quem convive no seu cotidiano e que, representadas pelos personagens das narrativas, podem auxiliá-la a dar significado às suas experiências.

Cada conto é uma possibilidade de aprender a lidar com o mundo, o que constitui uma das razões pelas quais a criança nunca se cansa de ouvir reiteradamente as mesmas histórias, elegendo, por vezes, uma como favorita. Estés (1999) conceitua as histórias como algo a conferir “movimento à nossa vida interior, e isso tem importância especial nos casos em que a vida interior está assustada, presa ou encurralada”. De acordo com a autora, por meio das histórias se “lubrificam as engrenagens, fazem correr a adrenalina, mostram-nos a saída e, apesar das dificuldades, abrem para nós portas amplas em paredes anteriormente fechadas, aberturas que levam à terra dos sonhos, que nos conduzem ao amor e ao aprendizado” (ESTÉS, 1999, p. 36).

É por meio dos contos de fadas que as crianças armazenam em si sugestões de como enfrentar os problemas da vida adulta, pois uma das características das histórias infantis é colocar um problema existencial de forma categórica e breve. De acordo com Bettelheim (2002, p. 15), a criança aprende “[...] o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais

complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente.”. Isso se deve ao fato de que o enredo se concentra nos fatos importantes e os personagens são mais típicos do que únicos, divididos entre dualidades claras: o bem e o mal, o belo e o feio.

O inconsciente é um fator determinante para que as pessoas consigam enfrentar os problemas existências, já que tanto na fase infantil, como na adulta:

[...] o inconsciente é um determinante poderoso do comportamento. Quando o inconsciente está reprimido e nega-se a entrada de seu conteúdo na consciência, a mente consciente será parcialmente sobrepajada pelos derivativos destes elementos inconscientes, ou então será forçada a manter um controle de tal forma rígido e compulsivo sobre eles que sua personalidade poderá ficar gravemente mutilada. (BETTELHEIM, 2002, p. 16).

No mundo real as pessoas são ambivalentes, não são apenas boas ou más como nos contos de fadas, entretanto, a criança, por não ter ainda uma maturidade psicológica completa – já que está em formação – tem maior facilidade em se identificar com uma das personagens, a boa ou a má, já que na sua vida há uma constante necessidade em decidir entre fazer o certo ou o errado. Assim, ouvir histórias a fará acreditar que a derrota constitui um problema existencial momentâneo, que pode ser dominado, já que a mensagem que os contos lhe transmitem é que as dificuldades podem ser superadas com imaginação, coragem e obstinação, características humanas que, se empenhadas na vida adulta, estimulam a superação das dificuldades.

Poucas histórias infantis foram capazes de criar uma empatia tão forte e duradoura com seu público quanto *O Patinho Feio*. De acordo com Corso e Corso (2006), o fato dessa história ser amplamente conhecida deve-se ao mérito de traduzir muito bem a angústia da criança pequena:

[...] a trama sintetiza duas fantasias assustadoras: um dos pais, o medo de ter o filho trocado por outro – hoje, por um equívoco na maternidade, outrora por alguma artimanha de alguém ou do destino; e outra dos filhos, a de descobrirem-se adotivos. [...] Ambas, entretanto, evocam uma certa verdade: somos todos adotivos, o laço biológico não nos oferece as garantias necessárias para sentir-se amado. Mesmo que sejamos nascidos da mesma

mãe que nos amamentará e educará, ainda resta um vago e desagradável sentimento de ser o ovo errado no ninho errado. (CORSO; CORSO, 2006, p. 33).

Ou seja, a saga do cisnezinho que foi nascer no ninho errado é, de certa forma, igual a de todos nós: a busca pela identidade, pelo nosso lugar no mundo.

Cabe mencionar que algumas características da história *O Patinho Feio* a diferenciam dos contos de fadas tradicionais. Bettelheim (2002) afirma que, por não haver a luta do herói, vencendo as provações e encaminhando-se para a resolução de um conflito, *O Patinho Feio* não seria classificado como conto de fadas. Corso e Corso (2006), entretanto, relativizam essa posição, alegando que o conto faz uma transição entre o conto de fadas e o romance moderno, visto que, na trama de Andersen, a fonte do sofrimento é também interna, pois o patinho luta contra o desamparo e a desesperança. Como explicam os autores:

Esse conto já contém uma psicologia rudimentar, coisa que as personagens dos contos de fadas podem até revelar, mas o sofrimento se dará mais em função da tragédia em si e menos no discurso da personagem. A caminhada do Patinho Feio, diferentemente do percurso das personagens clássicas de contos de fadas, é mobilizada pelo sentimento de rejeição e pela sua vontade interna. (CORSO; CORSO, 2006, p. 36).

Diferentemente também dos contos de fadas clássicos, de tradição oral, “[...] que deslizaram de sua audiência adulta original, constituída pelos trabalhadores em seu momento de descanso ou pelos nobres em seus salões, para a condição de uma narrativa destinada às crianças” (CORSO; CORSO, 2006, p. 32), *O Patinho Feio* foi escrito por Andersen já direcionado ao público infantil, em uma época em que as crianças estavam conquistando seu papel e importância na estrutura social. De acordo com os autores:

Patinho Feio é um dos primeiros heróis modernos escritos para crianças, seu drama baseia-se num persistente sentimento de rejeição. Inclusive ele tem sido considerado como um alter-ego do próprio Andersen. O conto poderia ser lido como uma descrição alegórica da infância difícil desse dinamarquês de origem humilde e aparência bizarra, que passou por maus bocados devido à sua personalidade sensível, considerada efeminada por alguns de seus contemporâneos. (CORSO; CORSO, 2006, p. 33).

Embora as especulações sobre a vida dos autores possam ser vistas por alguns como inspiração para as obras, é preciso analisar o contexto social da época em que o conto foi escrito, que também se revela na narrativa. Histórias reais de crianças que não eram acolhidas pelo amor dos pais eram frequentes. Crianças que nasciam com deficiências ou com alguma incapacidade eram estigmatizadas, teriam menos chances de sobreviver e de progredir na vida. Daí que o “feio” pode se referir a toda a gama de características que não se encaixam em uma normalidade, algo que está fora do padrão.

O conto *O Patinho Feio* já se distanciou de seu criador e do contexto sócio-histórico de sua produção, no entanto, adultos de toda parte seguem contando-o para crianças ávidas por escutá-lo a cada noite. Isso mostra o potencial dessa história, pois, devido à linguagem simbólica, fala ao nosso inconsciente em pleno século XXI.

***O Patinho Feio* sob a análise de Estés (1999) e Bettelheim (2002)**

Atualmente, a palavra *bullyng* tem sido designada como uma forma de conceituar a perseguição sistemática que crianças e jovens sofrem no meio ambiente escolar. Tal perseguição pode ser tão séria que, por vezes, é capaz de provocar abalos psicológicos no estudante. Entretanto, as discriminações com as crianças, por vezes, surgem justamente no ambiente em que mais deveriam se sentir protegidas: na família. O conto *O Patinho Feio* narra a história de um patinho que destoa dos demais da ninhada por ser diferente, logo, os irmãos, e até mesmo a mãe, classificam-no como feio pelo simples fato de sua aparência diferir dos padrões estabelecidos. O patinho sofre chacotas e é preterido em relação aos demais filhotes devido à sua aparência, e encontra a felicidade somente no dia em que vê uma mãe cisne passeando pelo lago, descobrindo enfim sua verdadeira família. A narrativa não menciona se o patinho foi à escola, até mesmo porque a característica dos contos de fadas é ser uma narrativa curta, com um único tema central. É justamente essa característica que fascina as crianças. O tema central de *O Patinho Feio* é, portanto, a rejeição que o personagem enfrenta por ser considerado feio no seu meio social.

Estés (1999) apresenta uma variante do conto de Andersen. A história inicia contando que a mãe pata remanesceu chocando um último ovo, muito grande em relação aos demais, o qual ainda não havia rachado. Ao receber a visita de uma velha pata, esta diz-lhe que aquele ovo era de peru e que era imprestável, pois perus não podiam entrar no lago. A mãe queixa-se à amiga de que o pai dos patinhos ainda não tinha ido visitá-la. Entretanto, apesar dos avisos da

outra pata, a mãe decide que, já que havia chocado o ovo por tanto tempo, não faria mal chocá-lo um pouco mais. Até o dia em que o filhote nasce e a mãe depara-se com “[...] uma criatura grande e desajeitada. Sua pele era marcada por veias sinuosas azuis e vermelhas. Seus pés eram de um roxo claro. Seus olhos de um rosa transparente” (ESTÉS, 1999, p. 212). A mãe não consegue se conter: acha-o realmente muito feito, mas acalma-se ao constatar que, ao levá-lo para o lago, ele nada muito bem, tendo então que se conformar de que o patinho era mesmo seu.

Essa mãe enfrenta os outros patos para que o filhote possa ser aceito pelo grupo, mas isso não impede que ele seja importunado o tempo todo, sofrendo até agressões físicas, o que o fazia perder parte das penas. Ele era o mais infeliz dentre os animais da fazenda. Até que um dia, a mãe, farta de tudo aquilo, acaba cedendo à pressão social e diz ao patinho que desejaria que ele fosse embora. O patinho, então, foge. Chega a um pântano e encontra um casebre onde moram uma velha, uma galinha vesga e um gato. Esses animais também passam a persegui-lo, pois ele não coloca ovos e também não caça camundongos. Mal sabe ele que a velha planejava comê-lo. Como lá também é maltratado pelos outros animais, o patinho somente encontrava alento dentro da água, ficando embaixo dela o máximo de tempo que podia. Até que num dia de outono vê passarem voando as aves mais lindas que jamais vira. Ficou rodando na água até conseguir vê-los e, por fim, “mergulhou até o fundo do lago e ali se aninhou, trêmulo. Estava fora de si por sentir um amor desesperançado por aqueles enormes pássaros brancos, um amor que ele não conseguia entender” (ESTÉS, 1999, p. 214). Mas o inverno chegou e o patinho descobriu-se congelado, achando que ia morrer. Os patos selvagens negaram-lhe socorro, pois ele era muito feio. Foi socorrido por um lavrador, que o levou para casa, mas o patinho acabou fazendo a maior bagunça ao tentar fugir das crianças que queriam pegá-lo. Ao subir nos caibros da casa, fez cair pó dentro na manteiga, e depois caiu dentro do leite, fatos que irritaram a esposa do lavrador, que o expulsou a vassouradas. O patinho passou o inverno todo indo de lago em lago e de casa em casa, alternando seu existir entre a vida e a morte. Ao chegar a primavera, o patinho percebeu que podia voar com suas asas fortes e, lá de cima, observar as paisagens. Não tardou para rever as lindas aves que havia avistado no outono e resolveu aproximar-se, mesmo achando que seria o seu fim, pois certamente aquelas lindas criaturas bateriam nele e o escarniriam até que ele morresse. Mas já que estava convencido de que iria morrer, preferia que o fosse através daquelas lindas aves. Entretanto, no reflexo do lago, descobriu-se igual aos demais cisnes, que eram as magníficas criaturas que ele tanto admirava.

A narrativa apresentada por Estés (1999) aponta a possibilidade de que outros ovos de cisnes podem ser chocados por patas. A explicação que o patinho (agora cisne) encontra é que o seu ovo deve ter rolado até o ninho da pata, pois ao olhar para a beira do lago vê “mais uma mãe pata chocando seus ovos junto ao rio” (ESTÉS, 1999, p. 216). Assim, percebe-se que no conto analisado por Estés (1999) o personagem patinho feio tem uma trajetória circular, ou seja, passa por diversos enfrentamentos, vencendo-os como um herói e a recompensa é descobrir-se um lindo cisne.

Já Bettelheim (2002), tomando a narrativa escrita por Andersen, trabalha com a ideia de que o patinho feio nada faz para superar ou mudar sua realidade, já que está predestinado a crescer e descobrir-se um belo cisne apesar dos gracejos e indiferenças dos irmãos. De acordo com Bettelheim (2002, p. 150), na história *O Patinho Feio*, “não é expressa nenhuma necessidade de fazer algo. As coisas simplesmente estão traçadas pelo destino e se desenrolam de acordo com isso, independentemente de o herói agir ou não [...]”.

Tanto a narrativa recontada e analisada por Estés (1999) quanto o conto analisado por Bettelheim (2002) apresentam o mesmo desfecho, ou seja, aquele patinho feio e rejeitado era, na verdade, apenas diferente dos demais, alcançando sua identidade ao descobrir-se um belo cisne. Ao final da história, todo o sofrimento é recompensado pelo encontro com a verdadeira família, ou seja, pela conquista de um lugar na sociedade.

A representação de mãe em *O Patinho Feio* e o papel do irmão mais novo

A análise de Estés (1999) dá ênfase aos dilemas enfrentados pela mãe pata do pequeno patinho feio. A partir da Análise Psicanalítica, a autora foca no rol de experiências simbólicas e espirituais do ser humano tomando como base a teoria dos arquétipos de Jung. Defende a existência de um inconsciente coletivo, uma herança psicológica das incontáveis gerações humanas que enfrentaram problemas comuns no seu existir em sociedade. Ainda, segundo Estés (1999), o patinho feio somente torna-se feliz ao encontrar a sua família psíquica, reconhecendo-se como cisne: “Descobrir com certeza qual é a sua verdadeira família psíquica proporciona ao indivíduo a vitalidade e a sensação de pertencer a um todo.” (ESTÉS, 1999, p. 217).

Estés (1999) aborda os tipos de mães que estão representadas na história, classificando-as como: *ambivalente*, *mãe prostrada*, *mãe criança* e *mãe sem mãe*, personalidades de mãe que, se bem trabalhadas, podem conduzir à *mãe forte*, aquela capaz de bem educar seus filhos, independentemente da figura de mãe inicial.

Na análise de Estés (1999), percebe-se que a mãe pata é uma mãe solteira que tem um

amargor em relação ao pai dos filhotes, porque este a abandonou. Seus problemas emocionais se agravam, pois as mães sonham que seus filhos sejam perfeitos e reflitam o seu jeito de ser, o que não acontece em relação ao patinho feio, que é diferente dos demais da ninhada. Agora ela terá que enfrentar dois problemas: ser mãe solteira e ter um filhote que não é aceito pelos demais membros do grupo pelo fato de ser feio. Estés (1999) defende que todos nós temos uma mãe interior que é reflexo do legado deixado pela mãe que nos criou.

Assim, para Estés (1999), no conto *O Patinho Feio*, a mãe ambivalente é aquela que enfrenta a dúvida emocional de ficar ao lado de seu filho, afinal ele é o seu filhote, mas, ao mesmo tempo, sofre com o escárnio e o preconceito do seu meio social por ter um patinho diferente, feio. A segurança dela é ameaçada, já que vai acabar isolada da sociedade em que vive, ficando dilacerada entre a pressão do grupo e a defesa do filhote. Ao final, sucumbe, dizendo que gostaria que o filho desaparecesse. Para poder efetivamente criar o filhote, ela “precisa tomar a dianteira no que diz respeito a algumas qualidades heroicas. Ela precisa ser capaz de roubar essas qualidades, se elas não lhe foram permitidas, abrigá-las, libertá-las na hora certa e defender a si mesma e àquilo no que acredita.” (ESTÉS, 1999, p. 222-223).

Já a mãe prostrada é representada no trecho da história em que a mãe pata sucumbe à perseguição que o filhote sofre e acaba desistindo dele. Exclama que preferiria que ele desaparecesse e, o filhote rejeitado pela mãe, foge. A mãe que desiste do filho perdeu o sentido de si mesma. “Ela pode ser uma mãe perversamente narcisista que se sente no direito de ser criança também.” (ESTÉS, 1999, p. 223). Para cair prostrada, essa mãe enfrenta a confusão, a agitação e o abismo que a dividem emocionalmente. Ela se vê obrigada a optar entre o amor ao filho e a pressão da sociedade, já que ela e o filhote não se enquadram no normal esperado. Geralmente isso ocorre com mães solteiras, que durante muito tempo foram rejeitadas pela sociedade e até chegaram ao ponto de esconderem seus filhos.

Estés (1999) desenvolve também a mãe criança e a mãe sem mãe, representadas na ingenuidade da mãe pata, já que ela insiste tanto em chocar o ovo e, depois, acaba rejeitando seu filhote. No mundo real, essa mãe pode ser a representação de uma mãe muito jovem ou muito ingênua, que pode sentir-se tão deslocada que considera não ter direito até mesmo ao amor de seu filho. Nesses casos, destaca Estés (1999), essa jovem mãe precisa receber a atenção materna para que possa cuidar de sua prole. Por vezes, essa mãe é ela mesma um cisne criado no meio dos patos, pois ainda procura sua própria identidade de mãe.

E por fim, Estés (1999) desenvolve a mãe forte para impulsionar, dentro de cada mulher, a inspiração de mulheres que, quer sejam mais velhas, mais sábias, ou que “tenham sido

temperadas como o aço”, assumem seu papel de mãe. Assim, não importa que mãe cada uma tenha tido, que espécie de mãe a mulher é, ela pode – se tiver apoio necessário e determinação – tornar-se uma mãe forte. Se a mãe é forte e tem amparo, “mesmo que a mãe fraqueje, o rebento pode sobreviver. É esse o modelo psíquico e a esperança para aquelas que tiveram pouco ou nenhum cuidado maternos, bem como para as que sofreram cuidados torturantes” (ESTÉS, 1999, p. 230). Assim, o desafio de cada mulher é descobrir-se um cisne, mesmo sendo criada no meio de patos e, dessa forma, conseguir desenvolver uma prole forte capaz de enfrentar o mundo.

O intuito de Bettelheim (2002) é o de utilizar o conto *O Patinho Feio* para analisar as relações familiares entre pais e filhos e entre irmãos. A psicanálise, de base freudiana, tem como eixo a relação do "eu consciente" e do "eu inconsciente", sendo que muitos comportamentos conscientes são influenciados por forças inconscientes, como memórias, impulsos e desejos reprimidos. Diferentemente de Estés (1999), Bettelheim (2002) trabalha na perspectiva do inconsciente individual.

Quando o herói do conto não é filho único, mas sim um entre vários, e quando ele é o menos competente ou o menos apreciado, embora ao final se sobreponha aos que inicialmente lhe eram superiores, é quase sempre o terceiro filho. Como explica o autor:

Isso não representa necessariamente a rivalidade fraterna do filho mais novo; se fosse assim, qualquer número serviria, pois o ciúme é igualmente agudo numa criança mais velha. Mas como toda criança algumas vezes se vê como o homem inferior da família, no conto de fadas isso é sugerido pelo fato de ela ser a mais nova ou a mais desconsiderada, ou ambas. (BETTELHEIM, 2002, p. 151).

Tanto consciente quanto inconscientemente, os números representam pessoas, situações familiares e relações: o “um” nos representa em nossa relação com o mundo; o “dois” significa duas pessoas, um casal. No inconsciente ou nos sonhos, “um” pode representar, além da própria pessoa, no caso da mente infantil, o genitor dominante; o “dois” representa normalmente os pais; e “três”, a criança em relação a seus pais, mas não a seus irmãos. Ou seja, qualquer que seja a posição da criança dentro do grupo de irmãos, o número “três” se refere a ela própria. Assim, “quando, numa história de fadas, a criança é a terceira, o ouvinte facilmente se identifica com ela porque, no interior da constelação familiar mais básica, ela é a terceira,

independentemente de ser a mais velha, a do meio ou a mais nova entre os irmãos” (BETTELHEIM, 2002, p. 151).

A criança, muitas vezes, pode sentir-se insignificante perante os pais, negligenciada por eles. Todavia, é difícil para a criança admitir para si própria o seu desejo de superar os pais, de ganhar independência. Nos contos de fadas esse desejo é camuflado com a superação dos irmãos que a desprezaram. Ao final da história, o patinho feio revela-se um majestoso cisne, tornando-se superior aos irmãos que o maltrataram.

Na narrativa de Andersen, o patinho feio terá uma vida adulta plena, pois apesar de sofrer com a rejeição, ao crescer, descobre a sua verdadeira identidade, sua família de alma, tendo um final feliz, o que pode auxiliar a criança que enfrenta *bullying* a criar um espaço imaginário capaz de fazê-la suportar aquela situação, acreditando que um dia ela será superior a tudo aquilo e encontrará o seu lugar na sociedade. Já na apresentação de Estés (1999), o patinho precisa passar por uma longa trajetória cheia de rejeição e desamor. Nessa caminhada, mesmo enfrentando períodos introspectivos de exílio, seu coração é capaz de reconhecer seus pares, pois nutre um amor incondicional tão grande que até aceitaria ser morto por eles, pelo simples fato de conseguir se aproximar do grupo ao qual intuitivamente se identifica.

No conto *O Patinho Feio*, o personagem não encontra na família o amor e acolhimento. Ele precisa compreender o significado do feio, que na verdade é o ser diferente; precisa aceitar-se e superar a rejeição. O apoio que se pode dar à criança, seja ela um cisne ou um patinho, fará com que ela amadureça e, no futuro, possa ser simplesmente ela mesma, segura de si, autônoma e autoconfiante.

Considerações finais

Por meio do encantamento proporcionado pelos contos de fadas a criança pode encontrar escape para as suas frustrações diárias, preparando-se para a vida adulta. O conto *O Patinho Feio* pode ser trabalhado com a criança a fim de ajudá-la a compreender que, embora esteja vivendo uma situação difícil, o final pode ser positivo.

Do ponto de vista da psicologia analítica de Estés (1999), o patinho feio é rejeitado e só encontra a verdadeira sensação de pertencimento quando é apoiado por uma mãe forte, a qual conhece o seu papel feminino e o exerce de forma plena, pois a mãe forte consegue fazer com que a criança seja um adulto forte, independentemente da mãe que ela própria teve. Quando a mãe não assume esse papel, o filho precisa encontrar seu caminho sozinho, em uma jornada

dura e que, muitas vezes, pode não resultar em um final feliz. A mulher pode buscar a autossuperação, independentemente do perfil de quem a tenha criado ou, ainda, independentemente de que mãe ela, inicialmente, tenha sido. Já para Bettelheim (2002), pela análise psicanalítica, o patinho feio representa o terceiro, na relação entre pais e filhos e entre irmãos. Pode ser o filho que nasce de um casal, ou mesmo o terceiro, que representa o irmão mais novo, mas também pode representar a aparente rejeição que normalmente acontece em relação ao filho mais velho quando um casal tem um novo bebê e as atenções se voltam ao irmão mais novo.

O fascínio que os contos de fadas exercem sobre as crianças faz com que, ainda hoje, apesar de tantos recursos tecnológicos disponíveis, elas queiram ouvir essas histórias reiteradamente. Com textos curtos e com trama centrada em valores humanos específicos, trabalham de forma inconsciente os sentimentos, a insegurança e o medo, preparando-as para serem adultos mais plenos e felizes. Em síntese, como afirma Coelho (2012), os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar pessoas de todas as idades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- CALVINO, Italo. *Fábulas italianas: coletadas na tradição popular durante os últimos cem anos e transcritas a partir de diferentes dialetos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CORSO; Diana L.; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.